

## **África: futuro dizimado pela Aids**

**Doença já matou 20,4 milhões de africanos e continua se espalhando por falta de remédio e práticas medicinais inseguras**

*STEPHEN MBOGO*

Especial para o JB

**NAIRÓBI** - Quando, há cinco anos, foi diagnosticado que ela estava com o vírus HIV, Mary Chiku, de 35 anos, mãe solteira de dois garotos, literalmente encarou a morte em seu rosto.

- Decreei uma sentença de morte contra mim mesma. A vida nunca mais teria importância - diz Chiku, sem querer explicar por que foi contaminada.

Desesperada e confusa com seu novo estado de saúde, ela buscou ajuda nos hospitais de Nairóbi, mas, em um retrato da tragédia silenciosa na África, os medicamentos anti-retrovirais eram muito caros para uma senhora que ganha apenas US\$ 60 por mês vendendo secos e molhados.

- Estava desesperada para conseguir assistência médica, mas não tinha recursos. Busquei ajuda de herboristas (medicina fitoterápica), apesar da consciência de que eles são médicos feiticeiros - disse-me Mary Chiku, enquanto se preparava para atender alguns fregueses em sua pequena mercearia de Kawangware, uma zona meio rural de baixa renda nas cercanias da capital queniana.

O acesso quase impossível à assistência médica ou outros tipos de ajuda, para Chiku e outros 29,4 milhões de africanos infectados pelo HIV, o vírus causador da Aids, tornou-se um dos temas principais, discutidos no decorrer da Conferência Internacional sobre Aids e Infecções Sexualmente Transmitidas na África (Icasa, na sigla em inglês), o maior foro africano sobre HIV e Aids, que terminou sexta-feira passada na capital do Quênia, Nairóbi.

A cara da Aids na África é simplesmente "devastadora".

Dos 29,4 milhões de pessoas atualmente com Aids, mais da metade são mulheres em idade de dar à luz. Até agora, 20,4 milhões de africanos já morreram da doença, deixando 12 milhões de órfãos. No ano passado, 3,5 milhões de africanos foram infectados com o HIV, diz uma estatística do banco Mundial.

Além do acesso à assistência, especialistas em saúde presentes à conferência conclamaram os principais grupos anti-Aids do continente a reconhecerem como a reutilização de seringas contaminadas e práticas médicas inseguras estão contribuindo para a disseminação do vírus HIV e da Aids na África.

Praticantes médicos tradicionais reivindicaram reconhecimento e inclusão na guerra anti-Aids na África, porque o tempo e a pesquisa "tinham provado que medicamentos herbóreos controlam infecções oportunistas ocasionadas pela Aids".

Para aumentar e melhorar o acesso à assistência aos pacientes de Aids na África, os participantes disseram que o mundo precisa providenciar recursos financeiros suficientes às frágeis economias africanas, a fim de capacitá-las a enfrentar o custo das drogas anti-retrovirais.

Os delegados disseram que, embora os gastos com HIV/Aids em países de baixa e média renda vão chegar a US\$4,7 bilhões em 2003, um aumento de 20% em relação a 2002, a atual despesa é entretanto pequena demais e é menos da metade do que o mundo vai precisar para combater a doença em 2005.

Com esta finalidade, as potências ricas do mundo, especificamente os EUA, apesar de consignar o que é visto como a mais alta quantia de fundos para combater a Aids nos países em desenvolvimento, têm sido muito criticadas por destinar maiores quantias para a guerra e reconstrução do Iraque do que para combater a Aids.

Os delegados, embora apreciando a guerra contra o terrorismo, criticaram o gasto de US\$1 bilhão por semana com operações no Iraque, enquanto montante semelhante é gasto para combater a Aids em um ano inteiro.

O enviado especial do secretário-geral das Nações Unidas para a Aids na África, Stephen Lewis, quis saber por que ninguém no mundo fez um plano para resolver o problema de nove milhões de órfãos da Aids na África e daquelas pessoas atualmente afetadas pela doença da Aids sem nenhum acesso a medicamentos anti-retrovirais.

Matshidio Moeti, do escritório da Organização Mundial de Saúde na África, disse que pelo menos 4,5 milhões de pessoas com Aids na África precisam de medicamentos antio-retrovirais, mas apenas 70 mil a 80 mil estão em tratamento.

Este texto foi produzido por Stephen Mbogo especial para o JB

Em novo informe intitulado Acelerando a Ação contra a Aids na África, a ONU admite que o gasto internacional com programas de Aids nos países em desenvolvimento tem crescido substancialmente.

Entre as fontes de financiamento está o compromisso de Washington, autorizando o aumento de gastos com HIV/Aids em países africanos e caribenhos para US\$ 15 bilhões nos próximos cinco anos.

A outra é o Programa de Aids Multipaíses para a África, do Banco Mundial, que em julho deste ano tinha desembolsado US\$ 106,3 milhões para países africanos e garantido mais US\$ 800 milhões.

Além disso, o Fundo Global para Combater a Aids está desempenhando um grande papel financeiro de programas anti-Aids. Em julho de 2003, aprovou US\$ 238,4 milhões em doações, para apoiar programas nacionais de Aids em toda a África, dos quais já foram desembolsados US\$ 15 milhões.